

**UMA ABORDAGEM DISCURSIVA EM TORNO DO TEMA
TRAÇOS CONCORDANTES
NO USO DO PRONOME “A GENTE”**

José Roberto Pinto (UGB)
robertobrj@gmail.com

Nesta pesquisa, objetivamos analisar o encaminhamento dado às discussões sobre o fenômeno linguístico *a gente*, em trabalhos de Lopes (2009) e Vieira (2009) com o intuito de apresentar as possíveis formas de concordância com a variável *a gente*, tendo em vista os traços de gênero, número e pessoa, de forma a evidenciar as diferentes estratégias de concordância a partir da observação comparativa com a forma nós. Assim, discutir a possível e aparente incompatibilidade entre traços formais e semântico-discursivos, angariando subsídios que nos permitam em uma futura proposta, elaborar textos didáticos direcionados aos alunos do ensino fundamental e médio, como contributo a estudos da língua e melhor compreensão dos fenômenos de variação linguística a partir da observação do fenômeno *a gente*.

Como fenômeno linguístico, a forma *a gente* se insere no contexto linguístico contribuindo como elemento inovador e modificador para surgimento de novas formas linguísticas de realização da língua. Assim, o inserto "a gente", no quadro pronominal do português brasileiro é uma forma invasora advinda do nominal *gente*, assumindo determinadas propriedades, valores e funções, em que, como forma pronominalizada, passa a fazer parte de outra classe e ou categoria.

A especificidade que distingue esta forma dos demais pronomes, conseqüentemente causam algumas assimetrias no atual quadro dos pronomes do português do Brasil, merecendo atenção e estudos diferenciados quanto sua inserção e uso nos vários contextos linguísticos. Como o uso da forma invasora se realiza na língua na medida em que o falante ouvinte a realiza segundo seus propósitos e necessidades comunicativas, deixa-nos vestígios desse uso nas realizações que faz da língua, possibilitando-nos divisar os aspectos de concordância com esta variante. Em sendo assim, percebe-se que formas são mais produtivas dentro de determinado contexto linguístico.

O falante, nesse contexto, figura como principal articulador e, muitos são os fatores a observar, quanto ao que determina às escolhas do

falante ouvinte no uso da variante *a gente* em detrimento do pronome *nós*.

Algumas propriedades peculiares distinguem os pronomes de outras classes de palavras por seu caráter indicativo ou mostrativo que se opõe aos aspectos simbólicos de outras classes. Tais propriedades estabeleceriam contraste entre nomes e pronomes, embora não expressas pela flexão, podendo os pronomes apresentar características privativas, a saber: pessoa gramatical, referendando o falante ouvinte; (eu, nós); (tu/você, vós/vocês), fora do falante ouvinte; de quem se fala, (ele/ela, eles/elas); noção de caso nominativo, acusativo e genitivo.

Nesse universo pronominal em que posições são ocupadas e funções exercidas são diferentes, insere-se a forma invasora *a gente* com propriedades que subjaz a especificidade do termo proveniente do nominal *gente*, em que, como forma pronominalizada passa a assumir em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valor e função, fazendo parte de outra classe/categoria.

A gramaticalização da forma *gente* acarretou modificações das propriedades semântico-formais da forma primitiva, por ocasião das mudanças de categoria sofrida. Assumindo que nem todas as propriedades foram perdidas, assim como outras próprias aos pronomes pessoais não foram assumidas, a forma pronominalizada manteve do nominal *gente* o traço formal de 3ª pessoa nos termos de Lopes (2009), com interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa. Estando o verbo em 3ª pessoa singular, concordando com *a gente* pressupõe-se existência de um falante + alguém. Sendo assim, a própria enunciação em terceira pessoa, ou seja, o enunciado é a não pessoa objeto da enunciação (BENVENISTE, 1988). “Os pronomes pessoais “legítimos” não sofrem flexão de gênero/número (eu/nós, tu/vós), pois são itens lexicais diferentes, e não a variação de um mesmo item” (LOPES, 2009, p. 108).

As formas pronominais de primeira e segunda pessoa, em significado próprio, comunicam sentido situacional por serem verdadeiros vocábulos dêiticos, por outro lado, em geral, formas de terceira pessoa são menos situacionais e mais textuais, logo, anafóricos. Sendo assim, ao combinar com o verbo em terceira pessoa (*a gente* tem uma paisagem bonita em Volta Redonda), percebe-se a presença de um [Eu], posto uma interpretação semântico-discursiva ao se evidenciar o falante. Tal assertiva se consolida por dois indícios sintáticos: concordância verbal em primeira pessoa do plural, o que no português do Brasil é frequente no uso não

padrão da língua, e o segundo, o uso pronominal como nosso(s); nos-sa(s), encaixado como demonstra o exemplo “*a gente andava de “skate”*”, pois era *nosso* esporte radical”, verificamos que embora a concordância se dê em terceira pessoa do singular, a informação semântica interpretada por *a gente*, pressupõe o falante (+) alguém. Mesmo em falantes que realizam a norma culta, observamos a mesma interpretação semântica.

A gente *trabalhou* à beça e *pesquisamos* um monte de coisa. (...) (*Jornal do Brasil*, 19-08-1997, In: LOPES, 2009, p. 108)

A ocorrência da variação de número está atrelada a oposição semântica entre (um ou + de um elemento), o que para nomes, se adapta corretamente. Entretanto, tal relação sistêmica não se aplica aos pronomes, pois nestes, há uma oposição entre singular plural, uma vez que a noção de número pressupõe reunião de elementos de mesma natureza. Não sendo isto o que ocorre em alguns dos pronomes pessoais do caso reto. Algumas formas de natureza antagônicas são tradicionalmente apresentadas como plural de outras (eu/nós; tu/vós). Quando nos reportamos ao nominal *gente*, originalmente nome, e, por tanto passível da flexão de número, perderá esse traço formal de pluralidade, registrado na sintaxe, ao se pronominalizar. A essa forma *a gente*, “cuja referencia conceitual é uma massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade – com o *eu* necessariamente incluído –, herdou, justamente, a possibilidade combinatória com o singular, e não com o plural” (LOPES, 2009, p. 110). Não obstante, preservar a interpretação semântica de plural, ao designar um todo indeterminado e genérico – eu + alguém, alguns...

Considerando nos termos de Lopes (2009), há dois tipos de número: o formal e o semântico. O gênero formal está evidente em sintagma como “o carro sujo”; o gênero semântico está presente ou existe em substantivos como aluno(s), em que, geralmente, gênero formal e semântico coincide e, portanto, o semântico não é codificado. Neste caso, o gênero semântico e formal depende do referente. “Relativamente ao nome *gente*, forma nominal que deu origem ao pronome *a gente*, o traço formal de gênero é feminino e o traço semântico não é especificado, uma vez que também depende do referente para especificação de gênero.” No que se refere aos outros pronomes pessoais legítimos, o gênero formal é neutro, pois eu, tu, nós e vós não têm marca de gênero expressa em termos flexionais. Semanticamente, no entanto, há uma dupla possibilidade interpretativa, porque formas pronominais como eu, tu/você, nós/*a gente* podem combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino em estruturas predicativas, acionando uma interpretação de gênero. Quando alguém diz

“eu estou velha”, o referente adjetivo velha traz a marca flexional do feminino mesmo que o pronome não apresente gênero formal” (LOPES, 2009, p. 111).

Tradicionalmente a desinência flexional, característica dos verbos em português do Brasil, são marcas verbais que podem indicar tempo e modo, além de apontar a pessoa do discurso a qual o verbo se refere, concentrando noção de número. Segundo Câmara Jr. (1970), são seis as pessoas do discurso: o falante (primeira pessoa singular), o falante e mais alguém (primeira pessoa plural), um ouvinte (segunda pessoa singular), mais de um ouvinte (segunda pessoa plural), “um ser” ou “mais de um ser” distintos do falante e do ouvinte (terceira pessoa singular e terceira pessoa plural respectivamente). Dentro dessa perspectiva, que postula Benveniste (1988) entre outros autores, consideram-se três referências, a partir da relação falante-ouvinte, a saber: a pessoa que fala ou emissor e a pessoa que ouve ou receptor. A terceira pessoa, dessa forma, seria considerada como a “não pessoa”, uma vez que se encontra fora dessa relação falante-ouvinte (BENVENISTE, 1988). A forma a gente estabelece, em geral, concordância formal com verbos na terceira pessoa do singular (a gente fala), mas se refere, como variante de nós, ao “falante + alguém”. Como explicar essa aparente incompatibilidade entre os traços formais e semânticos na concordância verbal com a gente? Adotando a proposta discutida em Lopes (2009), a especificação semântica de pessoa pode ser estipulada através da atribuição de valores positivo ou negativo ao atributo [EU]. Seguindo tal orientação, no caso de inclusão do falante, como ocorre nos pronomes de 1ª pessoa (eu, nós, a gente), o valor indicado seria positivo [+EU]. Por outro lado, no caso de referência ao ouvinte, como ocorre nas formas de referência a 2ª pessoa (tu, você, vós, vocês), o valor seria negativo [-EU]. Por fim, as formas de 3ª pessoa, uma vez que se encontram fora do eixo falante-ouvinte, caracterizar-se-iam pelo traço neutro [eu]. Ainda de acordo com essa proposta, a concordância verbal também pode ser entendida como correlacionada à atribuição de valores positivo ou negativo ao atributo [eu], representando a especificação formal de pessoa. Assim, no caso de concordância verbal com verbos referentes a primeira pessoa (verbos em primeira pessoa singular e primeira pessoa plural respectivamente), o valor indicado é positivo [+eu], uma vez que tais formas indicam a inclusão do falante, como pode ser observado nos exemplos: *falo, falei, falamos, falaríamos*.

Diferentemente, na combinação com formas verbais de segunda pessoa (segunda pessoa singular e segunda plural respectivamente), o va-

lor é negativo [-eu], pois indicam a exclusão do falante e inclusão do ouvinte: *falas, falaste, falais, falaríeis*. As formas de terceira pessoa (verbos em terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural respectivamente), por sua vez, são caracterizadas pelo traço neutro [eu], como nos exemplos *canta, fala, cantam, falam*.

Sintetizando a proposta de Lopes (1999), temos:

Quadros representativo dos pronomes pessoais autênticos com referências aos traços semânticos (TS) e traços formais (TF).

Q1

Formas Pronominais	Referencia à 1ª pessoa			
	EU		NÓS	
Traços	TS	TF	TS	TF
Formais	+EU	+eu	+EU	+eu
Exemplos	Eu fico alegre.		Nós ficamos alegres.	
	Eu estive no Rio.		Nós estivemos no Rio	

– Os pronomes de 1ª pessoa (eu e nós) designam a inclusão do falante.

Q2

Formas Pronominais	Referencia à 2ª pessoa			
	TU		VÓS	
Traços	TS	TF	TS	TF
Formais	-EU	-eu	-EU	-eu
Exemplos	Tu ficas alegre.		Vós ficais alegres.	
	Tu estiveste no Rio		Vós estivestes no Rio.	

– Os pronomes de 2ª pessoa (tu e vós) designam a exclusão do falante e inclusão do ouvinte.

Nos termos de Lopes (2009), o termo *a gente*, uma *vês* tendo herdado traços indeterminado do nominal *gente*, integra o quadro pronominal do português Brasileiro, concorrendo com o pronome *nós*. Segundo essa autora, o termo *a gente* resultou do processo: *gente* [nome genérico] *a gente* [pronome indefinido] *a gente* [substituto virtual do pronome pessoal *nós*]. Este, a seu turno, nos permite uma leitura com alto grau de determinação (eu + você) ou (eu + ele) até a indeterminação e generalidade (eu + todo mundo) ou (eu + qualquer um). Mesmo observando que as gramáticas não dão ao termo *a gente*, destaque em seus textos, algumas consideram e classificam-no, mesmo que de forma distinta, a saber:

“Em Cunha & Cintra (2001, p. 296), por exemplo, a gente é considerado como fórmula de representação da 1ª pessoa, uma vez que pode substituir tanto nós (1) quanto eu (2)”. (VIANNA, 2003)

1. Houve um momento entre nós / Em que a gente não falou. (Fernando Pessoa)
2. Você não calcula o que é a gente ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (Ciro dos Anjos)

Outros gramáticos não atam comentários expressivos sobre a variante em questão. Restringem-se a comentário muito próprio de caráter exclusivamente normativo como observado em Bechara (1999, p. 97) que faz referência ao termo como um grupo de pessoas em que se inclui o falante ou a este sozinho, admite como Ribeiro (1992, p. 97), o caráter pronominal da expressão, considerando seu uso fora da linguagem “cerimoniosa”. Em Rocha Lima, por sua vez, nenhuma alusão faz ao uso do termo em sua gramática. O que de certo há, é que tal fenômeno, variação entre *nós* e *a gente*, indica uma mudança em curso conforme Omena (1986/2003) e possivelmente tais mudanças ainda que se processem; outros fatores ainda contribuirão nesse processo, em que, ainda que seja possível vislumbrar tais mudanças, seu curso ainda assim será diferenciado por características intrínsecas aos falantes conforme Lopes (1993) observa o uso da variante entre falantes cultos. Em estudos de (CALLOU & LOPES, 2003), no que se refere a informantes cultos e não cultos, temos a seguinte consideração:

Aparentemente, a substituição de nós por a gente se está efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não cultos. Na amostra NURC relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga nós suplantava a forma inovadora, mas a nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, sugere, ao contrário, um uso mais frequente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de nós por a gente na comunidade. Nos resultados de Omena (2003) – anos 80 e 2000 –, no entanto, a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. (...) observa-se que a comunidade apresenta-se instável, se levarmos em conta os falantes cultos, mas quanto aos não cultos, nota-se uma certa estabilidade no comportamento da comunidade de uma década para outra

O falante figura nesse contexto como principal articulador, e muitos são os fatores a serem observados quanto ao que determina as escolhas desse falante ouvinte no uso da variante *a gente* em detrimento do pronome *nós*. Sendo assim, apresentamos alguns dados de estratégias de concordância entre *nós* e *a gente* com relação à pessoa gramatical nos termos de Lopes e Vianna (2003) em que se observou do total de 93 dados, (10%) refere-se à concordância de “*a gente*” com estruturas verbais

em primeira pessoa do plural (P4) e (3%) na terceira pessoa do plural (P6). Constatou-se também, que a forma nós, há predomínio de concordância com a primeira pessoa do plural (P4) (94%), verifica-se combinar com estruturas verbais em terceira pessoa do singular (P3) (-6%).

Q3

CONCORDÂNCIA VERBAL X PRONOME	P3	P4	P6
NÓS	6 - 109	103 - 109	-
	6%	94%	-
A GENTE	81 - 93	9 - 93	3 - 93
	87%	10%	3%

Quadro das estratégias de concordância das estruturas verbais com nós e a gente.

Conclui-se da observação preliminar, que a concordância formal de “a gente” com formas verbais em (P4), insere necessariamente o falante + alguém conforme Benveniste (1988) o traço semântico do *Eu* ampliado [+ EU].

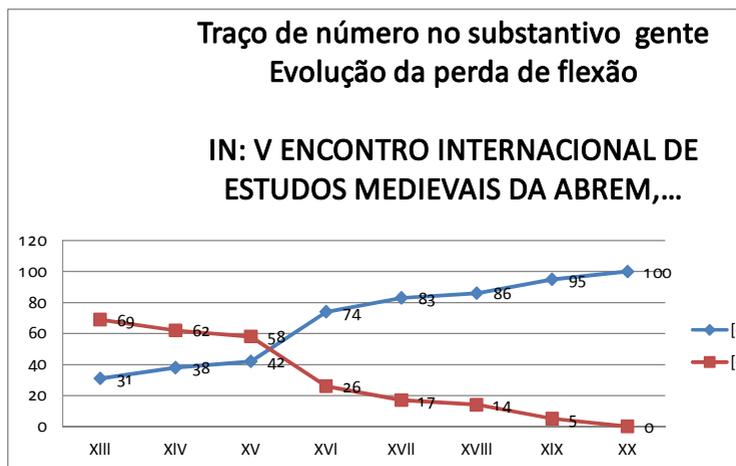
Dentre os falantes de menor grau de escolaridade, a concordância da forma nós com estruturas verbais em (P3), são motivadas por construções escolhidas pelo falante: posposição do sujeito; pausa entre pronome sujeito e o verbo; presença de qualificadores como possíveis responsáveis pela não concordância.

Como fenômeno linguístico, a forma *a gente* se insere no contexto linguístico contribuindo como elemento inovador e modificador para surgimento de novas formas linguísticas de realização da língua. Assim, o inserto “a gente”, no quadro pronominal do português brasileiro é uma forma invasora advinda do nominal gente, assumindo determinadas propriedades, valores e funções, em que, como forma pronominalizada, passa a fazer parte de outra classe e ou categoria.

A especificidade que distingue esta forma dos demais pronomes, conseqüentemente causam algumas assimetrias no atual quadro dos pronomes do português do Brasil, merecendo atenção e estudos diferenciados quanto sua inserção e uso nos vários contextos linguísticos. Sendo assim, o uso da forma invasora se realiza na língua na medida em que o falante ouvinte a realiza segundo seus propósitos e necessidades comunicativas. O que de certo há, é que tal fenômeno, variação entre *nós* e *a gente*, indica uma mudança em curso. Conforme Omena (1986/2003) tais

mudanças são, mesmo que se processem, outros fatores irão corroborar nesse processo em que, sendo possível vislumbra-las, seu curso será diferenciado por características intrínsecas aos falantes conforme Lopes (1993) observa o uso da variante entre falantes cultos. Em estudos de (CALLOU & LOPES, 2003), no que se refere a informantes cultos e não cultos. Sendo assim, a forma *a gente* herda o traço semântico do nominal *gente*, por outro lado, o pronominal *a gente* indica o falante + alguém. A produtividade de concordância no singular, motivada pela persistência semântica (valor de coletividade e indeterminado) – herança do nome *gente*. É possível observar a não correlação entre traços semânticos e formais de número, diferentemente do que ocorre entre os pronomes pessoais autênticos. Ainda que o “*a gente*” pronominal possua um traço semântico [+PL], pois designa o “falante + alguém”, mantém um traço formal [-pl] visto que tende a se combinar mais comumente com estruturas no singular.

Q4



Observa-se nesse contexto que houve gradual perda dos traços de número a partir do século XIII até a perda total, dessa realização, que culmina no século XX. Também se verifica perda acentuada, entre os séculos XV e XVI, com observação para as mudanças sociais e políticas processadas nessa época.

Estratégia de concordância – *nós /a gente* – pessoa gramatical - Projeto CENSO/PEUL (Censo da Variação Linguística no Estado do Rio

Suplemento da Revista Philologus, Ano 17, Nº 49, 2011

de Janeiro e Programa de Estudo do Uso da Língua) INFORMANTES (93) Sexo (homem/mulher); Idade (15-25; 26-49; +50 anos), Escolaridade (fundamental/médio) (LOPES, 2003)

Nós + 3ª pessoa singular

"... *nós* dois deve tá enganado." (dado 136, M3, 1o grau)

Nós + 1ª pessoa do plural

"... *nós* somos brasileiros." (dado 41, H4, 1o grau)

A gente + 3ª pessoa do singular

"...*a gente* é obrigada a fazer recuperação" (dado 193, M2, 2º grau)

A gente + 1ª pessoa do plural

"*A gente* nunca fomos assaltada, não." (dado 89, M2, 1o grau)

A gente + 3ª pessoa do plural

"...*a gente* tão se sentindo sufocados, né?" (dado 50, H4, 2o grau)

Quadros representativo dos pronomes pessoais autênticos com referências aos traços semânticos (TS) e traços formais (TF). (in Lopes, 2003)

Q5

Formas Pronominais	Referencia à 1ª pessoa			
	EU		NÓS	
Traços Formais	TS	TF	TS	TF
	+EU	+eu	+EU	+eu
Exemplos	Eu fico alegre.		Nós ficamos alegres.	
	Eu estive no Rio.		Nós estivemos no Rio.	

Os pronomes de 1ª pessoa (eu e nós) designam a inclusão do falante

Formas Pronominais	Referencia à 2ª pessoa			
	TU		VÓS	
Traços Formais	TS	TF	TS	TF
	-EU	-eu	-EU	-eu
Exemplos	Tu ficas alegre.		Vós ficais alegres.	
	Tu estiveste no Rio		Vós estivestes no Rio.	

Os pronomes de 2ª pessoa (tu e vós) designam a exclusão do falante e inclusão do ouvinte

Em síntese, a forma pronominalizada a gente não perdeu todas as propriedades do nominal gente, também não assumiu todas as propriedades dos pronomes. Embora possamos observar diversas estratégias de concordância quanto ao traço de pessoa, algumas serão mais produtivas. Com relação à concordância de gênero e número, esta, estará diretamente relacionada à referencialidade de gênero. Os recursos articulados pelo falante ouvinte expressam ocasiões adequadas para realização da concordância verbal no uso da forma a gente. Dessa forma, será lícito ao aluno, compreendendo as estratégias possíveis da língua, assimilar com clareza a construção de sentido integral do texto, bem como, acessar aos padrões de concordância, em que o emprego (condição de uso) e colocação (posição sintática) dos pronomes, contribuem sobremaneira à estrutura oracional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 2003, SALVADOR. *Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Salvador, 2003.

_____. Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos. In: _____. *Ensino de gramática: descrição e uso*, p. 103 a 119. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em:

http://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Gramaticalizacao_ufrij.pdf

MAIA, Francisca Paula Soares. “A gente vê por aqui”: fronteiras da contemporaneidade na gramaticalização de uma forma pronominal. Disponível em:

<http://www.portais.unincor.br/revistamentamento/arquivos/mementoII/Fran-cisca-Paula-Soares-Maia.doc>

PERINI, Mário A.; LIBERATO, Yara G.; SARAIVA, Maria Elizabeth F. & FULGÊNCIO, Lúcia. *Sobre a classificação das palavras* (Universidade Federal de Minas Gerais)

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2006. Disponível em:

<http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/ViannaJBS.pdf>

_____; LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente* na sincronia: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos. In: *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003 (671-676). Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/093.pdf>

VIEIRA, Silvia R. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.